



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Guilhermina Andreazza Postali FG196

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.029.SIN-TRA

Entrevistado/a: Guilhermina Andreazza Postali

Entrevistador/a/es: Sônia Storch Fries e Susana Storch Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 18 de janeiro de 1996

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

História de vida. Profissão: professora (o exercício da profissão).

O Professor Marcos Martini: professor municipal, ensino, aplicação de castigos. O *status* da profissão de professor. Relação entre aluno e professor.

Formação profissional: professoras, dentistas.

Materiais e livros escolares de sua época. Sistema de ensino.

Colégio Nossa Senhora do Carmo: alunos, séries e disciplinas.

Colégio São José: escola para meninas.

Escola municipal e particular: diferenças no ensino. Recreio: brincadeiras infantis.

Namoricos entre alunos.

Comemorações de fim de ano.

Dificuldades para chegar à escola: distância e situação das estradas.

Catecismo: aprendizado em italiano. Primeira Comunhão: preparação, vestimenta e adereços, ida à igreja, música, cerimonial.

Festa de Santa Teresa (padroeira): "o dia do vestido novo", festejos.

Festa do Divino Espírito Santo: procissão.

Casamento: cerimônia religiosa (realização), festa, *colacion* (comes e bebes). Enxoval: confecção, peças.

Comércio: loja Luiz Andreazza, armazém de secos e molhados Fioravante Zatti (compra de tecidos para confecção das próprias roupas).

Transcrição:

Sônia: O seu nome?

Guilhermina: Guilhermina Andreazza Postali.

Sônia: Dona Guilhermina, a data do seu nascimento?

Guilhermina: É... trinta de julho de 1915.

Sônia: Dona Guilhermina, a sua profissão?

Guilhermina: É modista, eu trabalho com moda.

Sônia: Dona Guilhermina, a gente está aqui hoje pra lembrar do seu tempo de aluna. Como eram as escolas da sua infância? O que a senhora lembra da sua primeira professora, como é que foi o seu primeiro dia de aula?

Guilhermina: Bom, é o seguinte, eu morava no Bairro Santa Catarina e lá éramos uma família de dez irmãos, e todos nós fomos alfabetizados pelo professor Marcos Martini. Ele era professor municipal e eles e ele dava aula na escola onde que ele morava, né? E ali então a gente aprendia do a, e, i, o u, até o livro a Seleta, que quando terminava na Seleta, então terminava-se o estudo assim. E, com ele, a gente tinha muito bom relacionamento, porque ele, também, onde que tinha as escolas, ele morava. Então, ele tinha a família grande, então toda a família se dava muito bem com o professor, eram compadres, eram amigos. E os professores também assim, como que eram os sacerdotes naquela época, que eram pessoas que tinham um pouco mais de cultura do que outros assim, eles eram também conselheiros, eram amigos e compadres também, porque eles tinham muitos filhos, então era assim uma harmonia muito grande com eles.

Sônia: Então, a comunidade assim tinha muito respeito com o professor?

Guilhermina: Muito, muito, muito considerava.

Sônia: E como é que era o relacionamento entre os alunos e os professores? Os professores, os alunos respeitavam tinha castigo, como é que era?

Guilhermina: Olha é o seguinte: eu acho que na nossa época a gente estava acostumado a obedecer bastante, a gente te obedecia. Então, eu acho que o professor não tinha muito assim... com as crianças, porque estavam acostumados a obedecer, assim e tal. Então, havia um relacionamento muito bom porque a gente obedecia, eles mandavam e então as coisas iam bem.

Sônia: A senhora chegou a ver algum castigo assim como palmatória, milho?

Guilhermina: Não, essas coisas não. Por exemplo assim, se houvesse um chegar atrasado ou conversar na aula, o nosso maestro, o professor Marco Martini, nos mandava atrás da porta um pouco, mas não assim coisas mais... assim não, não havia.

Sônia: Dona Guilhermina, como é que acontecia a formação dos professores na época? A senhora falou, por exemplo, lá no museu pra nós que o seu pai, né?

Guilhermina: O meu sogro. Bom, ali é o seguinte: nesse assunto sobre o negócio de, de educação, eu digo, na base da brincadeira, que na casa do meu sogro e da minha, Abel Postali, e a minha sogra, Maria Prezzi Postali, ele era dentista e ela professora, então quem quisesse ser professora municipal, elas iam lá na casa da minha sogra e ela ensinava aquilo que ela sabia, e depois ele levava elas na prefeitura, e lá faziam os testes, e aquelas que ficavam aprovadas, elas ficavam professoras municipais. E o meu sogro, como dentista, ele, rapazes que quisessem ser dentista, eles iam na casa dele também e ele levava o gabinete dentário, como dizia uma vez, e ele ensinava as coisas que ele também sabia. E, quando esses rapazes achavam que podiam enfrentar a profissão, se estabeleciam como dentistas práticos. E depois, então mais tarde, as professoras também as prefeituras davam mais aula pra elas, ensinavam outras coisas mais, e os dentistas também iam em Porto Alegre, eles tiveram cursos de especialização, então ali eles ganhavam o título de dentistas práticos licenciados. Mas eu posso dizer então que, eu acho que a primeira faculdade, na base da brincadeira, foi na casa dos meus sogros. Porque muitas professoras que estão por aí, muitos dentistas que andaram pelo nosso município trabalhando, eles começaram assim.

Sônia: Tá legal, dona Guilhermina. E assim, que dificuldades a senhora tinha mais como aluna? Como é que eram os livros, como é que eram os cadernos, fala um pouquinho da lousa?

Guilhermina: A bom, a lousa, nós íamos a escola com a *sportola*, aquela *sportola* [sporta] feita de palha, porque nós tínhamos que carregar a lousa, que nós chamávamos, ela de pedra, a pedra e a pena que a gente escrevia, se não botava lá, ela se quebrava. Então, nós íamos com as *sportola* e com os nossos livros para a escola.

Sônia: E a senhora lembra desses livros, como é que eram?

Guilhermina: O livro, nós tínhamos até um livro... Porque, nós tínhamos um livro, o nome dele era O Livro Coração, e falava muito sobre a Itália. Muitas coisas, histórias e acontecimentos da Itália naquele livro Coração, que eu, que nós tínhamos na nossa escola do primário.

Sônia: É os seus primeiros anos de aula eram em português ou em italiano?

Guilhermina: Na escola, era em português, mas se eu posso dizer assim, por exemplo, no caso da primeira comunhão... posso falar?

Sônia: Pode.

Guilhermina: Que a gente aprendeu as orações em italiano. Quando nós estávamos na escola, que depois estavam os meninos e meninas em idade de fazer a primeira comunhão, então a gente ia aprender o catecismo com uma senhora que morava lá numa encosta do seminário. E ela nos esperava lá no meio de muitas roupas de remendar, porque naquele tempo se remendava muitas coisas, não era que nem agora a lei do consumo, nós remendávamos muita coisa. E ela esperava com uma varinha de vime, do lado, com umas folhinhas em cima. Então, aqueles que se distraíam ela não surrava, ela pegava a folhinha e batia assim e tal e coisa. Ali então nós aprendíamos as orações em italiano. Ela pedia assim, por exemplo, “*Sieta cristiani?*” então nós respondíamos “*Sim, siamo cristiani pela grazia de Dio*” “*Cosa vol dire ésse cristiani?*” “*Ésse cristiani vol dire ésse batizati, crismati e crede e professare la doutrina de Jesus Cristo*”. E o resto, mais adiante todos os mandamentos e sacramentos e tal. Depois, então as orações, as principais orações nós aprendemos em latim, nós aprendemos em latim. É isso ali.

Sônia: E dentro da escola, quais eram as matérias que tinham, as disciplinas que tinham?

Guilhermina: Olha, era o primeiro livro, o segundo livro, o terceiro livro, o quarto livro e o quinto livro.

Sônia: E ali vocês aprendiam matemática?

Guilhermina: Era tudo unido dentro do primeiro, desde a lousa até o quarto, quinto livro, estava tudo ali dentro e a gente podia aprender até aonde que podia assinar esse professor, essa escola municipal.

Sônia: E religião tinha, bordado, costura?

Guilhermina: Não, nessa escola não. O negócio de bordados, essas coisas então mais tarde, por exemplo, assim na nossa escola a gente ia até aquele ponto. Depois, os meninos, porque lá em Santa Catarina, tinha a fábrica do Matteo Gianella, então muitos das famílias trabalhavam na fábrica do Matteo Gianella, então as crianças iam na escola até aquele ponto e depois eles tinham que trabalhar na fábrica. Agora, então, as famílias que tinham um pouco mais de possibilidade, então iam no colégio do [Nossa Senhora] do Carmo e no colégio das irmãs. Ali a coisa era diferente, porque ali então primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, quarto ano. E então era matemática, geografia, música e bordados e de tudo, ali então era muito mais adiante o curso, né, do que na escola municipal.

Sônia: E dona Guilhermina, a senhora se lembra dos recreios daquela época?

Guilhermina: Olha, os recreios era assim no... era assim, nas escolas geralmente era onde o professor morava, como não tinha muitas casas, então tinha pequenos, pequenos lugares mais

abertos assim, e a gente ser reunia, fazia o recreio lá. As meninas, a gente jogava roda cutia, tira-tira o teu pezinho, pulava corda; os meninos, os meninos jogavam bola, bolinha de gude. E o professor sempre ali acompanhando né? No colégio das freiras então já era mais, a gente já tinha ginástica também e outras coisas mais assim, né?

Sônia: A senhora sempre estudou em escola mista ou as escolas eram separadas por sexo? Tinha a sala das meninas...?

Guilhermina: Não. Quando que foi os primeiros anos com o professor, com a escola municipal, ali era meninos e meninas desde o primeiro ano até, desde o primeiro livro até o quinto livro, era uma turma meninas e meninos de todas as idades. Ele tinha alunos de todas as idades e meninos e meninas. Agora, no São José não, então ali era só meninas, né? Eram irmãs francesas que lecionavam lá e assim, né, então já é...

Sônia: E nos recreios as meninas brincavam com os meninos?

Guilhermina: Sim, quando brincava tudo junto lá, brincava tudo junto, a gente brincava ali. Mas, geralmente, era sempre assim em grupinhos, por exemplo, aquelas pessoas, aquelas crianças com um pouco mais idade, já ficavam mais com aquelas de mais idade; os pequeninhos já ficavam mais com os outros. Quer dizer, que o recreio era tudo junto ali, onde que havia um lugar para a gente brincar perto da escola, a gente fazia o recreio lá.

Sônia: E Dona Guilhermina, havia casos de namoro na sala de aula?

Guilhermina: Olha, é o seguinte: quando a gente ia lá dar a lição pro professor, então se havia algum outro que simpatizava com a gente, alguma coisa, botava uma balinha ali em cima da,... da mesa, do banco, em cima do banco, botava ali, então a gente chegava lá a gente sabia que era fulano de tal que simpatizava com a gente e que deixava lá uma balinha pra gente como pra mostrar a amizade, o carinho com a gente, né?

Sônia: E assim depois vocês agradeciam? Como é que continuava isso?

Guilhermina: Ah, depois então, quando havia uma possibilidade de fazer retribuição, de alguma outra maneira a gente fazia. Coisinhas assim de crianças, né?

Sônia: E comemorações, Dona Guilhermina? A senhora se lembra de alguma comemoração?

Guilhermina: Olha, comemorações, por exemplo, nessa, eu falo mais sobre essa primeira escola, era assim: não havia muita comemorações durante o ano. As comemorações eram no fim do ano, então vinham autoridades da prefeitura, alguns pais, vinha sempre a dona Ermelinda Gianella, a líder comunitária do bairro de São Pelegrino, dona da fábrica e líder comunitária, ela vinha também

participar. Então, ali a gente fazia teatro, declamava, e a gente cantava, fazia no fim da, da, que vinham essas autoridades pra examinar a gente, né, fazia essa festa, ali se fazia comemorações. Geralmente era só no fim do ano. Então ali, o aluno que era o mais adiantado da escola, ou aluna, por exemplo, declamava aquela poesia *A Saudação a Bandeira*. Então, uma menina ficava com a bandeira, em pé; a outra menina declamava a poesia *Saudação a Bandeira*. E no fim, a gente dizia assim “*Saudamo-na de pé, num gesto varonil, viva a nossa bandeira, pendão do Brasil*”. E a gente batia com o pé no chão, e todo mundo se levantava e terminava então a comemoração do fim de ano, e a festa e, também, o ano letivo terminava assim.

Sônia: E Sete de Setembro, tinha o costume de marchar?

Guilhermina: Só quando, mais tarde, quando estava no colégio das freiras, então tinha alguma coisa assim. Mas não tanto como agora, não era essas, assim esses desfiles, essas coisas, não tinha muitas coisas, muito pouco.

Sônia: Alguma história?

Guilhermina: Como é que vai indo?

Sônia: Alguma história pitoresca, algum caso que a senhora se lembra do seu tempo de estudante?

Guilhermina: Bom, eu vou contar assim: quando nós íamos no colégio, meus irmãos iam no Carmo e nós íamos no São José, como que nós morávamos no bairro Santa Catarina, naquela época as estradas não eram que nem agora, asfaltadas e ônibus, etc. etc. Aquilo, no verão, era uma poeira de se sufocar, no inverno eram atoladores. Então, nós tínhamos que atalhar pelos poteiros pra poder passar, porque não se podia passar ali na várzea, onde que começou, ali o Randon, não se podia passar e, quando que chegávamos na escola, nós tínhamos que trocar o sapato, lavar o sapato, botar secar pra poder passar o resto do dia na escola. E, por incrível que pareça, os primeiros que chegavam na aula, éramos nós que morávamos longe. É.

Sônia: Mais alguma coisa, dona Guilhermina, que a senhora gostaria de falar? A senhora fique à vontade, pode falar o que a senhora quiser?

Guilhermina: Olha, eu gostaria de falar sobre a minha primeira comunhão.

Susana: Fala então.

Guilhermina: Bom, ali então como nós íamos aprender o catecismo, como eu já falei, depois então quando que chegava na época da primeira comunhão, então a gente tinha que ir na Catedral. Porque a Catedral era só aquela que era paróquia; as outras só havia capelas pela, pelo Município de Caxias, só capelas. Então, a gente ia lá na catedral, e a gente tinha uma semana de preparação. Os

maristas preparavam os meninos e as irmãs preparavam as meninas. E ali então, a gente ficava todo dia, a gente só ia pra casa de tarde. Depois, então, para almoçar nós íamos na casa de uma senhora, Guilhermina Mattana, que tinha um hotel, um restaurante, nós almoçávamos lá de meio-dia completar a tarde, depois nós íamos pra casa. Depois chegava o dia da primeira comunhão, o grande dia, ali então minha mãe muito caprichosa, ela gostava de arrumar bem os filhos, era eu e um irmão, porque nós éramos em muitos, nós íamos dois da cada vez. Bom, ali então, vestido branco de grinalda, o livrinho de comunhão e o rosariozinho eram de madre pérola, porque naquele tempo tinha muitas coisas bonitas assim de madre pérola; e o menino de livrinho preto, como rosariozinho preto, de terninho e aqui no braço uma fita amarrada e em cima da fita era pintado o símbolo da eucaristia. Ali chegava o grande dia. Nós íamos de charrete, nós tínhamos charrete lá e íamos pra cidade, então, as meninas iam todas no colégio São José e os meninos todos no Carmo, a gente já estava assim preparado, durante a semana a gente ia ensaiando e vinha a banda de música Santa Cecília, que ela nunca faltava em nenhuma comemoração que tivesse na cidade naquela época. E as meninas vestidas, muitas meninas vestidas de anjos, bonitas, vestidas de branco com as asas grandes, bonitas e elas com os cabelos de papelotes, papelotes assim, e elas iam. E a gente ia pra Catedral um grande cerimonial, a igreja bonita toda enfeitada de branco, o coral cantando e a mesa eucarística coisa mais linda grande e pegava toda a frente da catedral. Ali, quando chegava na hora da comunhão, os anjinhos levavam a gente assim pra mesa da comunhão; eles esperavam que a gente comungasse e depois a gente voltava pro banco e fazia a fileira, já estava tudo ensaiado durante a semana e, assim, de um lado os meninos do outro lado as meninas. E assim. E depois então, nós fazíamos a profissão de fé, como que se costuma ainda hoje em dia né, na hora da comunhão e depois nós cantávamos uma também assim, a gente dizia assim “Mais bela palma no céu tereis” E a gente levantava a vela, todas as crianças levantavam a vela e a gente cantava “A mais bela palma no céu tereis”. Depois dali então, a gente ia no fotógrafo bater as fotografias pra lembrança da primeira comunhão. Ali tinha os dois famosos fotógrafos de Caxias, o Júlio Calegari e o [Giacomo] Geremia, que ainda tem por aí, faziam lindas fotografias de primeira comunhão. Ali, depois, a gente ia pra casa com a família fazia almoço, convidava os padrinhos de batizado. E assim era no meu tempo a primeira comunhão.

Sônia: E outra festa assim que a senhora se lembra, dona [Guilhermina]? A Festa de Santa Tereza ou mesmo a festa do seu casamento?

Guilhermina: Ah, a festa de Santa Tereza ela tem o nome “O dia do vestido novo”. Porque a gente fazia o vestido, geralmente se fazia um vestido por ano, era o dia de Santa Tereza. Então, onde que eu ia aprende a costurar, as freguesas todas vinham e diziam assim “Eu quero um vestido pra Santa

Tereza”. Então, a senhora aquela brincava, diziam assim “Não, o vestido vai ser pra ti, não vai ser pra Santa Tereza”. Queria dizer que era toda... então, o dia de Santa Tereza era vestido novo, era vestido novo que a gente pra... É..

Sônia: E alguma coisa assim da festa, Dona Guilhermina, a senhora lembra?

Guilhermina: Da festa de Santa Tereza? Ah, era muito bonita! Era assim na Praça [Dante Alighieri], eles faziam quiosque, eles faziam jogos assim, era a festa, eu até me admiro de vez, quando agora que nem se lembram mais, que é o dia de Santa Tereza, aqui, agora, que foi nossa padroeira. A maior festa, era festa de Santa Tereza.

Sônia: E vinha assim pessoal da colônia?

Guilhermina: De toda parte, de toda parte, de todo o município, era a festa de Santa Tereza. Meu Deus do Céu! Depois, mais tarde, veio também a festa do Divino Espírito Santo, também muito concorrida, muito bonita, que as bandeiras iam pelas famílias, todas as famílias da paróquia e tudo, com as bandeiras do Espírito Santo, né? Iam nas famílias benzer as casas e fazer e a preparação para a Festa do Espírito Santo, também era uma festa muito bonita.

Sônia: O que mais que a senhora gostaria de falar, Dona Guilhermina, que a senhora não falou ainda?

Guilhermina: Tu quer falar sobre o meu casamento?

Sônia: Pode falar.

Guilhermina: Bom, o meu casamento foi o Dom José Baréa, o primeiro casamento que ele fez em Caxias. O meu sogro era da comissão da igreja para o bispado, então ele disse “Bom, como você foi da comissão do bispado, eu que quero fazer o casamento do teu filho”. Então, o casamento foi na Catedral e precisava dois padres pra ajudar ele a fazer o casamento. Era o Dom Joanne Meneguzzo, o saudoso, e Dom Franzoi, o padre Franzoi. E depois, então, o casamento foi realizado aqui, aqui na avenida Rio Branco, meu sogro morava ali, foi feito, começou de manhã, e a festa foi até de noite, o dia inteiro festa, casamento de manhã, almoço e depois baile, depois janta, quer dizer que foi o dia inteiro, só soltaram nós os noivos eu não sei a que hora.

Sônia: E tinha *colacion*?

Guilhermina: Aquilo foi na minha casa de manhã antes de sair.

Sônia: Então fala o que é *colacion* por causa da...

Guilhermina: A tal de *colacion* antes era assim: era fazer uma tripada, era... quem quisesse café com leite, com doces, com bolos e assim uma coisa bem reforçada, não era qualquer coisinha, era

uma coisa bem reforçada, a tal de *colacion* que faziam antes de sair pra ir para a igreja para o casamento.

Sônia: Então, tinha a cerimônia e depois o almoço?

Guilhermina: O almoço. E depois continuava, o que sobrava era pra janta, e era o baile. E assim foi. É sim.

Sônia: E vocês tinham o costume de ter lua de mel ou não?

Guilhermina: Não, não, não tinha lua de mel não.

Sônia: No outro dia já era trabalho?

Guilhermina: É trabalhar. Nós fomos morar onde que tinha um consultório, porque o meu marido também, ele trabalhou, ele aprendeu com o pai dele a ser dentista né? Nós morávamos na mesma casa onde que ele trabalhavam. E, quando foi na segunda-feira, o sogro já bateu “Como, é está na hora de ir trabalhar! Pronto acabou-se”! É assim. [risos]

Sônia: Então tá, Dona Guilhermina, se a senhora tem mais alguma coisa alguma coisa para nos contar?

Susana: A senhora se lembra de mais alguma coisa que gostaria de relatar?

Guilhermina: Não sei, aquelas coisas que tinham aqui já tinham tudo. [roteiro]

Susana: Acho que foi tudo, né Sônia?

Guilhermina: Eu acho que sim.

Sônia: Eu acho que foi tudo, sim.

Guilhermina: Acho que é mais ou menos isso aí.

Susana: É isso aí, agora é esperar.

Guilhermina: Deixa eu pensar se eu gostaria de dizer mais alguma coisa... alguma passagem, alguma coisa assim.

Susana: Os seus filhos, se a senhora quer falar a sua família, os seus pais, da sua infância? Como é que foi a sua infância?

Guilhermina: Maravilhosa!

Susana: A senhora gostaria de falar um pouco? Como é que vocês brincavam, seu namoro? Fica à vontade?

Guilhermina: Agora, se é pra falar a família, teria... teria muita coisa pra falar sobre a família, né?

Susana: Seria mais sobre a sua infância, eu acho, né Sônia? Como é foi sua infância?

Sônia: De que a senhora brincava quando era pequena, Dona Guilhermina? Vocês tinham que trabalhar, ajudar muito os pais ou tinham tempo para brincar?

Guilhermina: Ah, tinha tempo, se acostuma a fazer. Por exemplo, nós tínhamos assim o... quando que nós éramos, desde pequena a gente ia pra escola e tudo, mas também a gente tinha, a gente acostumava fazer assim, uma semana pra cada uma para fazer a comida né, em casa, e um domingo pra cada uma pra ficar em casa aos domingos, porque todo mundo ia à missa, então uma ficava em casa para fazer o almoço, né? E meu pai tinha assim cantina de vinho. Então, ali havia muitos empregados, e os empregados não podiam, não tinham restaurante, não tinham onde ir comer, então tinham de ficar tudo na nossa casa. A nossa casa era uma família, uma mesa de sempre mais de vinte pessoas. Então, nós de casa nós tínhamos que ser... a mãe sempre tinha empregadas, ajudantes e tudo, né, mas afinal, ali a gente, todo mundo trabalhava e tinha que atender, dar de comer pra toda essa gente que trabalhava com a gente. Eu me lembro também que, quando o pai tinha que mandar vinho pra estação, pra estrada de ferro assim, que ele precisava com urgência, que os dias de trem eram marcados, então, nós as crianças, nós tínhamos que ir na cantina e ajudávamos o pai a pintar os barris, pra poder fazer mais ligeiro, pra poder ficar pronto. E assim ajudávamos, afinal, pra fazer mais ligeiro quando eles estavam apurados assim na cantina de vinho, também nós ajudávamos.

Sônia: Eu vou fazer só mais uma pergunta, Dona Guilhermina, e a preparação do enxoval?

Guilhermina: Enxoval no nosso tempo era uma coisa séria, porque a gente começava desde pequena o tal do enxoval. Dê-lhe fazer crochê, bordar a máquina. No tempo que eu ia no colégio São José, eu bordei uma colcha de linho toda, toda aberta, um trabalho tremendo, que me furou até os dedos! E era assim tudo de dúzia: dúzia de lençol, e dúzia de toalha de banho e bordados e pinturas, era uma coisa. E depois então, quando a gente estava em véspera de casar, as amigas, a gente acostumava se mostrar o enxoval, então as amigas vinham todas lá em casa pra mostrar o enxoval. A gente ia ver o enxoval das outras também, quando se casavam, aquela. Aquele negócio de enxoval assim, que era de praxe assim, né? Se fazia assim os negócios de enxoval, era assim mesmo.

Susana: Muita coisa era feita em casa ou vocês compravam?

Guilhermina: Tudo em casa, tudo em casa, tudo em casa, se fazia tudo em casa.

Sônia: E que lojas vocês compravam?

Guilhermina: Bom, naquele tempo havia em Caxias lojas boas. Tinha a loja do João Andreazza, a loja do Fioravante Zatti e a loja da viúva Sebben, as principais. Então, a minha mãe como era muito

caprichosa, ela só comprava nessas lojas assim. Nós tínhamos, por exemplo naquela época, uma costureira na cidade, ela fazia as nossas roupas assim. Tinha coisas muito boas naquele tempo também, tinha coisas muito boas também pra roupas assim, tinha... É isso ali.

Susana: Fechou.

Sônia: Muito obrigada, Dona Guilhermina!

Transcrição em: 05 a 11 de julho de 1996.

Por: Maria Beatrís Gil da Silva

Revisão em: 14 de março de 2011 e 15 de janeiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries e Graciela Deon Rodrigues.

Duração: 26 minutos.

Observação: